

**A LÍNGUA, O TERRITÓRIO E A FRONTEIRA:  
RESSIGNIFICAÇÕES CULTURAIS DE GLORIA ANZALDÚA**

**Fidelainy Sousa Silva<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Com este artigo analiso as ressignificações culturais dos conceitos de língua, de território e de fronteira presentes na narrativa *Borderlands/La frontera the new mestiza* (2012) da escritora *chicana*<sup>2</sup> Gloria Anzaldúa. Dentro da narrativa, estes conceitos estão para além da semântica tradicional que os define, uma vez que estão intrinsecamente ligados aos valores socioculturais da região de fronteira entre México e Estados Unidos da América. Considerando a proposta dessa autora/narradora, tenho o objetivo de compreender essas ressignificações culturais que alteram as concepções de língua, de território e de fronteira, termos que são específicos desta obra escrita em três línguas diferentes: inglês, espanhol e *nahuatl*. Portanto, utilizo o aporte teórico dos estudos pós-coloniais para considerar reflexões que viabilizem os encontros literários e culturais mais adequados com a intenção de fortalecer essa narrativa como símbolo cultural de uma específica região de fronteira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua; Território; Fronteira; Ressignificações culturais; Gloria Anzaldúa.

**ABSTRACT:** This article I analyze the cultural re-significations of the concept of language, territory and frontier present in the *Borderlands/La frontera the new mestiza* (2012) narrative of Chicano writer Gloria Anzaldúa. Within the narrative these concepts go beyond the traditional semantics that define them, since they are intrinsically linked to the socio-cultural values of the border region of Mexico and the United States of America. Considering the author/narrator proposal I have the objective of understanding these cultural re-significances that destabilizing/changing the conceptions of language, territory and frontier, terms that are specific to this literary work written on three different languages: English, Spanish and *Nahuatl*. Therefore, I use the theoretical contribution of postcolonial studies to consider reflections that enable the most appropriate literary and cultural encounters with the intention of strengthening this narrative as a cultural symbol of a specific frontier region.

**KEYWORDS:** Language; Territory; Border; Cultural re-significations; Gloria Anzaldúa.

### **Considerações iniciais – Além do conceito**

*“El outro México que acá hemos construído  
el espacio es lo que há sido território nacional.  
Este es el esfuerzo de todas nuestros Hermanos  
y latinoamericanos que han sabido progressar.  
Los Tigres del Norte is a conjunto band.”  
Gloria Anzaldúa (2012)*

*Borderlands/La frontera the new mestiza* (2012), de Gloria Anzaldúa, é uma narrativa histórica sobre a guerra entre Estados Unidos da América (EUA) e México<sup>3</sup>, além

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. E-mail: fidelainys@gmail.com.

<sup>2</sup> Identificação para sujeitos de origem mexicana com cidadania norte-americana.

<sup>3</sup> Ao longo das várias batalhas da guerra entre os Estados Unidos e México, de 1836 a 1853, o território norte-americano cresceu em cinco novos estados: Texas, Califórnia, Colorado, Novo México e Arizona. As guerras territoriais entre os dois países desencadearam os conflitos políticos, econômicos e, sobretudo, culturais dessa

de apresentar relevante caráter histórico, a obra se destaca por ser um texto em primeira pessoa, podendo ser considerada uma narrativa autobiográfica<sup>4</sup>. É um livro híbrido<sup>5</sup> por apresentar vários gêneros textuais concomitantemente. A escrita de Anzaldúa é um salto dos fatos históricos da guerra entre Estados Unidos e México para suas memórias afetivas. Para isso, a escritora faz, no primeiro bloco do livro, uma crítica histórica e uma análise cultural dessa região fronteiriça e, no segundo bloco, produz poesias baseadas em suas lembranças e nos mitos de sua aldeia. Desse modo, pretendo, com leitura dessa narrativa, problematizar as questões sociais dessa região conflituosa de fronteira, a partir das reflexões de Gloria Anzaldúa, para que seja possível compreender as ressignificações culturais dos conceitos de língua, de território e de fronteira na Literatura Contemporânea. Estas três categorias conceituais se destacam na obra de Anzaldúa, pois: primeiro, o livro é escrito em três **línguas** diferentes, simultaneamente (inglês, espanhol e *nahuatl*<sup>6</sup>); segundo, o **território** é tido como lugar de passagem; terceiro, porque a **fronteira** é a área cultural denominada *Borderland*<sup>7</sup>. Diante destes aspectos, intenciono perceber a amplitude semântica destes três termos para contribuir diretamente com o debate cultural da modernidade que muito se coaduna com as leituras de narrativas literárias problematizadoras de questões identitárias.

Enquanto escritora, Gloria Anzaldúa foi responsável por discutir a realidade sociocultural da fronteira e acabou consagrando a Teoria *Borderlands* e a Literatura *Chicana* como meio para compreensão da realidade social dos Estados Unidos e México em meados dos anos 1980. O livro *Borderlands/La frontera the new mestiza* conquistou a condição de produto ideológico, pois contrapõe o discurso hegemônico cultural não apenas em sua época, mas também no momento atual. Em sua narrativa não se sustentam as designações de alta cultura, estabelecidas pelo cânone, ou as tradicionais rotulações dicotômicas entre ‘bom e ruim’, ‘bonito e feio’ ou ‘superior e inferior’, posto que tais designações e dicotomias fazem parte de um discurso canônico limitador que apenas busca

---

região de fronteira. Apesar de os EUA terem se consolidado como potência mundial, até hoje sua relação política com México não é pacífica. (MOORE, 1973, p.29).

<sup>4</sup> Segundo Leonor Arfuch (2010) narrativas autobiográficas são textos de vivências com o ‘caráter narrativo da experiência’ (p. 118). Além disso, são trabalhos resultantes dos encontros entre a memória e a história.

<sup>5</sup> Não usarei a categoria romance para definir o gênero literário dessa obra.

<sup>6</sup> Língua indígena usada desde antes da chegada da Coroa Espanhola ao México. Algumas palavras em *nahuatl* perduram no vocabulário da fronteira até os dias de hoje.

<sup>7</sup> Ao longo de todo este artigo utilizaremos em inglês e em itálico o termo *Borderlands* quando estivermos fazendo referência à Teoria *Borderlands*. Nosso intuito de não optar pela tradução desse termo, é marcar a diferença desse conceito teórico, postulado por Anzaldúa, das outras fronteiras abordadas neste trabalho.

depreciar as manifestações literárias provenientes das periferias. Deste modo, o escopo deste trabalho está centrado nos processos históricos culturais dessa região e no tom de denúncia de Anzaldúa contra as rotulações de inferioridade cultural impostas às regiões fronteiriças. Desta forma, pautada na postura de Homi Bhabha (2012), quando trata sobre deslocamentos culturais, ressalto a importância do vincular a análise de um espaço cultural – o local da cultura – ao sujeito que fala a partir de tal *locus* de enunciação. Homi Bhabha (2012) considera que “a perspectiva pós-colonial resiste à busca de formas holísticas de explicação social.” (BHABHA, 2012, p. 278). Trata-se da visão necessária para que se borrem as “fronteiras culturais e políticas” as quais trago para a discussão e que constituem o contexto histórico da vida de Anzaldúa durante o período que antecede a primeira publicação desta que é sua obra mais importante. Segundo as escritoras do prefácio da quarta edição do livro de Anzaldúa, Norma Élia Cantú e Aída Hurtado, as condições políticas nos Estados Unidos não foram favoráveis à primeira publicação de *Borderlands/La frontera the new mestiza*, no ano de 1987. Mesmo já existindo núcleos acadêmicos no estado da Califórnia para programas de Mestrado e Doutorado em Literatura *Chicana*, havia uma corrente pró-cânone que predominava nos núcleos acadêmicos. Na década de 80, o país enfrentava uma verdadeira “guerra cultural”, como podemos observar no seguinte fragmento:

[q]uando *Borderlands* foi publicado, dificilmente haveria um discurso público sobre o Multiculturalismo. **A persistência de Anzaldúa na mistura de culturas, línguas e até mesmo no escrever em vários gêneros, como exemplo a estrutura e o conteúdo de *Borderlands*, foi considerada uma blasfêmia. A “guerra cultural” estava em plena força dentro e fora da academia. [...] brigavam para preservar o cânone ocidental e a mobilização política por parte dos conservadores em favor de uma emenda à Constituição dos Estados Unidos que estabelece o inglês como Língua oficial.** Esta foi também a época em que **Affirmative Acion** tinham começado a aumentar a diversidade nas instituições de Ensino superior e nos locais de trabalho, que estava sendo desmantelada de estado em estado (CANTÚ & HURTADO, 2012, p. 6, grifo meu).

Diante dessas condições, a publicação de *Borderlands/La frontera the new mestiza*, no auge do multiculturalismo de 1987, abriu novos debates sobre a proibição do ensino de espanhol nas escolas, principalmente nos estados do sul dos EUA. Em termos gerais, Anzaldúa enfrentou os movimentos acadêmicos pró-cânone, inclusive com o argumento de que a própria Europa, nesse período, já criticava essa postura. Discutiui ainda a viabilidade

do multiculturalismo e o hibridismo das práticas religiosas, culinárias e linguísticas. Sua intenção sempre esteve voltada para a visibilidade da identidade *mestiza* da região *Borderlands*, e a confluência teórica de seu trabalho tornou sua obra a peça-chave para a mudança na postura epistêmica sobre a identidade de regiões fronteiriças. Portanto, coube ao livro *Borderlands* a responsabilidade de marcar um lugar específico do discurso, sendo esta uma narrativa que se declara contra uma imposição cultural hegemônica. Pretendo, portanto, revisar esse texto na intenção de compreender as (re)conceituações de Anzaldúa para visibilizar possíveis atuações desses termos – língua, território e fronteira – em outros contextos de conflitos culturais.

Gloria Anzaldúa, além de abrir caminhos para o conhecimento da trajetória dos *chicanos* em solo norte-americano, também abriu as portas para conhecermos como ocorreram os processos de hibridização das práticas linguísticas dessas duas culturas tão distintas. Ademais, esse lugar de conhecimento sobre uma região específica de fronteira abre espaço teórico para o conhecimento sobre a identidade multifacetada em âmbito geral, não apenas a referente ao contexto da obra. No entanto, mesmo que o posicionamento de Anzaldúa já tenha sido alvo de favoritismo dentro da academia, hoje, a nível mundial, muito pouco se avança quanto à visibilidade dos espaços de fronteira. Portanto, esse trabalho segue na esteira da revisitação da teoria *Borderlands* no que tange à necessidade de se compreender conceitos específicos dessa narrativa para alcançar respostas para a seguinte pergunta: aos olhos de Anzaldúa o que significa a **língua**, o **território** e a **fronteira**?

### **Anzaldúa em busca da língua**

Gloria Evangelina Anzaldúa nasceu em um lar mexicano de língua espanhola, contudo, após a guerra na qual o México perdeu parte de seu território para os Estados Unidos, a nacionalidade de sua família é alterada e, conseqüentemente, sua língua também. A partir desse processo, Anzaldúa cresceu ouvindo as ordens de sua mãe: “**I want you to speak English**”<sup>8</sup>.” (ANZALDÚA, 2012, p. 75). A autora graduou-se em Edburg, na *Pan American University* e, enquanto diretora da educação bilíngue em Indiana, suas principais

---

<sup>8</sup> Eu quero que você fale inglês. (tradução minha).

preocupações estavam centradas em não permitir a exclusão do Espanhol do currículo escolar de seus alunos. Ora, se a identidade de Anzaldúa agora se desdobrava em duas línguas distintas, não havia outra forma de existência para ela que não fosse perpassada pelo Espanhol e pelo Inglês ao mesmo tempo. Uma vez que sua identidade estava fundamentalmente, qual seria a língua adequada para ensinar aos seus alunos? **“A language which they connect their identity to, one capable of communicating the realities and values true to themselves – a language with terms that are neither español ni inglés, but both”**<sup>9</sup> (ANZALDÚA, 2012, p. 77). No entanto, essa língua não estava na grade curricular das escolas, então a escritora iniciou um processo de subversão que mais tarde seria o cerne de sua escrita.

A busca de Anzaldúa foi colocada à prova em 1971, quando lecionou Literatura Inglesa em uma escola pública em Austin. O currículo escolar estava pautado na urgência de se ensinar a Literatura Inglesa aos alunos de todos os estados norte-americanos, contudo, Anzaldúa incluía textos em *‘chicano Spanish’* em suas aulas: **“At the risk of being fired, I swore my students to secrecy and slipped in Chicano short stories, poems, a play”**<sup>10</sup>. (ANZALDÚA, 2012, p. 82). A importância dessas aulas não se limita apenas ao ato de subversão, contudo, marca a primeira abertura para o conhecimento sobre a hibridação do espanhol com o *nahuatl*. Anzaldúa amplia a percepção de seus alunos sobre seus antepassados. Nesse caso, o livro *Borderlands* não é apenas ficção ou história real, mas é a confluência dessas duas falas que constroem essa narradora/autora para ressignificar o lugar real e o lugar literário criando um terceiro lugar de significação da escrita identitária. Usando as palavras de Bhabha (2012, p. 278), “é a partir desse lugar híbrido do valor cultural [...] que o intelectual pós-colonial tenta elaborar um projeto histórico e literário”.

Anzaldúa é uma intelectual consciente do lugar histórico e literário que ocupa e, portanto, parte de fatos de sua vida para expor um espaço cultural de identidades conflitivas. Logo, em vias de compreender a postura dessa escritora enquanto sujeito real e personagem de sua própria história, é importante destacar os fatos de sua vida em busca das ressignificações do termo **língua** em seu texto. Sobre a postura **subversiva** que adota contra

---

<sup>9</sup> Um idioma ao qual eles conectem sua identidade, um idioma capaz de comunicar as realidades e os valores verdadeiros para eles mesmos – um idioma com termos que não são nem o espanhol e nem o inglês, mas ambos. (tradução minha).

<sup>10</sup> com risco de ser demitida, eu jurei aos meus alunos em segredo e contei-lhes em *Chicano* algumas histórias, poemas e uma peça de teatro. (Tradução minha).

a massificação do ensino de inglês como única língua dos estados de fronteira, Anzaldúa não se limita a se opor, mas inicia um processo de transformação, atuando dentro das instituições de ensino como professora de Literatura Inglesa e, também, como escritora de textos híbridos. Ao participar do sistema educacional, a autora consegue propor soluções práticas, com o intuito de iniciar as mudanças efetivas em prol do ensino do Espanhol nas escolas públicas norte-americanas. Além disso, o uso das três línguas em sua obra é um enfrentamento a favor da heterogeneidade linguística da região. Mesmo o uso predominante do inglês padrão é uma ferramenta proposital para ampliar o contato do público com o *Spanish chicano* e com a língua indígena *nahuatl*, ainda pouco conhecidas. Nesse caso, seu livro é escrito em inglês porque essa língua é a de maior alcance em comparação às outras duas.

Agregada a esses fatores, há a hibridização do gênero narrativo de sua obra. Anzaldúa ora trilha o caminho da escrita teórica acadêmica, ora o do lirismo poético. *Borderlands/la frontera the new mestiza* se mostra como uma narração propositalmente complexa, na qual a autora revela que, por não ter encontrado um lugar adequado de fala pronto para si, ela se decide por criar um novo. Outro aspecto determinante é a trajetória identitária de Anzaldúa, que se dá simultaneamente ao seu aperfeiçoamento teórico enquanto professora e escritora. No ano de 1972, Anzaldúa consegue concluir seu Mestrado no Texas, na cidade de Austin. Em 1977, muda-se para o Vale do Rio Grande para cursar o Doutorado, mas precisa se mudar novamente, dessa vez, para o estado da Califórnia, porque no Vale do Rio Grande não havia conseguido uma área de pesquisa para continuar os estudos sobre Literatura Chicana. O fato é que exatamente na cidade natal de Anzaldúa, seus professores foram contra seus estudos sobre Literatura Chicana, mesmo sendo uma pesquisa relevante para a região, pautada nos fatores históricos da hibridização linguística e nas consequências desse processo na construção identitária do sujeito de fronteira. Na Califórnia, enquanto cursava o Doutorado, trabalhou como editora e escritora, além de participar do movimento ativista da causa feminista – *Feminist Consciousness Raising Groups* – e do grupo militante *Writers Guild*. A partir de seu lugar de fala como mulher, como sujeito híbrido de fronteira e, principalmente, como militante das causas feministas e sociais, sua principal bandeira foi contra a legislação que impunha uma língua oficial opressora das minorias étnico-raciais e contra o poder hegemônico da sociedade norte-americana — patriarcal, heterossexual, branca e monolíngue. Nesse sentido, o uso da língua

espanhola abriu um novo campo semântico, uma vez que essa escrita passou a significar também um ato de desobediência à historiografia oficial. Ou seja, seu texto representou e ainda representa um caminho para o enfrentamento da autoridade da epistemologia canônica ocidental.

Esse avanço teórico sobre o espaço cultural de identidades heterogêneas, vindo dos debates de Stuart Hall (2011) e Homi Bhabha (2012), abre campo de debate para as novas ressignificações de alguns termos linguísticos que se referem às regiões de conflito identitário. No entanto, esse novo espaço traz um vínculo entre teoria e política que não pode ser desconsiderado, conforme indicado por Terry Eagleton (2003), caso contrário, leituras arbitrárias com relação à postura política dos grupos sociais dominantes poderiam contribuir negativamente para com a revitalização dos estudos sobre a Cultura e Teoria Literária. Planteando um regresso às leituras binárias do sujeito de fronteira. Nesse sentido, a leitura da obra *Borderlands/La frontera the new mestiza* deve ser pautada tanto no campo político, como no campo cultural e literário. Ora, se o debate linguístico proposto por Anzaldúa está vinculado às teorias sobre a modernidade e a diferença cultural da contemporaneidade, sua aceitação deveria ser posta como inquestionável. Já que é uma narrativa sobre os espaços de conflitos, sobre os sujeitos silenciados, ela teria de ser compreendida como objeto necessário ao Estado norte-americano. Dito de outra forma, as medidas políticas do Estado deveriam recorrer a obras como *Borderlands/La frontera the new mestiza* para compreender os processos da multiplicidade identitária dos sujeitos dessa região de fronteira.

No entanto, em 2012, o livro *Borderlands/La frontera the new mestiza* completou vinte cinco anos de publicação e, assim como em sua primeira edição, sofreu ataques proibitivos. Mesmo depois de tantos anos e de todo o avanço teórico e culturalista, a quarta edição enfrentou agressões parecidas com aquelas recebidas na década de 80. Em abril de 2012, a governadora do estado do Arizona, Jan Brewer, decidiu proibir os estudos de Literatura *Chicana* nas escolas públicas e, portanto, *Borderlands/La frontera the new mestiza* entrou na lista de obras proibidas pela *Tucson Unified School System*, do Arizona. Além das obras, foram proibidos os cursos<sup>11</sup> destinados aos estudantes *chicanos*. Percebe-se que o discurso favorável à criminalização desses estudos está baseado em políticas

---

<sup>11</sup> Tais cursos pautados na cultura chicana estavam destinados aos alunos de origem mexicana e contribuíam para a formação identitária histórico-cultural desses cidadãos de ascendência mexicana que perderam, ao longo dos anos, o vínculo com suas famílias ao sul da fronteira.

educacionais dispostas a homogeneizar a língua inglesa nos EUA. Mas, sobretudo, esses cerceamentos são tentativas de apagar a identidade *chicana* para fortalecer uma identidade nacional única. Segundo a governadora, Jan Brewer, essa lei faz parte das ações preventivas para eliminar o preconceito e o discurso de ódio contra os brancos, supostamente incitado por professores e alunos *chicanos*. No entanto, a justificativa da governadora revela uma preocupação unilateral de defender a imagem da nação, predominantemente branca, frente às outras etnias. No entanto, em contrapartida a esse pensamento, o movimento *chicano* permanece até hoje em estado de resistência contra o discurso homogeneizador das identidades.

Ademais, as medidas proibitivas são fatores que aumentaram a influência dessa obra. Não que a validação da teoria de Anzaldúa aconteça somente por causa dessas medidas proibitivas, no entanto, percebe-se que o processo de censura da obra está diretamente vinculado ao poder de transformação social que ela estimula. Mesmo que seja uma situação aparentemente antagônica, a proibição é a consumação da capacidade interventiva da voz anzalduaniana. Esse poder enunciativo confere à teoria *Borderlands* o status de ação transformadora das práticas sociais em que as intervenções extrapolam o campo semântico e resultam em mudanças de atitudes. Nas palavras de Cantú e Hurtado (2012): “*Borderlands* is dangerous only because it has the power to change minds, to disturb complacencies<sup>12</sup>” (CANTÚ; HURTADO, 2012, p. 3). O discurso desse livro é um incentivo direto ao resgate dos direitos dos mexicanos-americanos ao conhecimento sobre seu passado. Se os alunos *chicanos* tivessem a oportunidade de conhecer a árvore genealógica, os ritos religiosos, os costumes, as danças, a culinária e as regras sociais de seus ancestrais, também estariam mais seguros quanto a seus direitos. Ora, se o estado realmente estivesse preocupado em garantir igualdade de direito a todos, dentro da lógica do Estado democrático, não haveria dúvidas de que as proibições estabelecidas pelo poder legislativo atuam contra a identidade de uma parcela expressiva da população norte-americana.

São as etapas dessa busca por uma língua pretensamente certa que leva a autora a extrapolar os limites de tempo, em linhas gerais. Mesmo depois da morte de Anzaldúa, os ecos de sua luta repercutem nas palavras deixadas em *Borderlands*. Nesse ínterim, em abril de 2017, a obra de Anzaldúa completou trinta anos, e ainda sofre, mesmo que

---

<sup>12</sup> *Borderlands* é um livro perigoso apenas porque tem o poder de mudar as mentes, de perturbar complacências.

indiretamente, recriminação. Diante das condições descritas até aqui, não parece novidade que a obra tenha sofrido ataques. Nesse caso, as intenções políticas do novo presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, estabelecem como meta de governo a construção de um muro<sup>13</sup> para, oficialmente, separar os dois países<sup>14</sup>, México e EUA.

Portanto, essa retrospectiva histórica não se refere apenas às proibições do ensino de língua ou à trajetória do livro *Borderlands*, mas, sobretudo, demonstra a urgência do debate cultural dentro do campo político. Ou seja, ainda é preciso compreender as ressignificações do conceito de **território**, para, por meio de sua compreensão, realizarmos os mesmos atos subversivos de Anzaldúa e, enfim, experienciarmos o salto necessário da teoria para a prática.

### **O limite do território é político ou cultural?**

Apesar de haver uma fronteira territorial bem definida entre o México e os Estados Unidos dentro da Teoria *Borderlands*, a fronteira não é apenas o limite entre dois países. O território está intrinsecamente relacionado às questões de raça, de identidade, de imigrações e de exílio, e, ainda, está para além da demarcação geopolítica. A leitura da obra de Anzaldúa expõe o aspecto cultural como característica imprescindível para compreender o **território** *Borderlands* por meio da (im)possibilidade de se separar dois povos culturalmente ligados. Por isso, questiono se as ressignificações dos limites do território estão pautadas no viés político ou cultural. Segundo a definição de Anzaldúa:

Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish us from them. **A border is a dividing line**, a narrow strip along a steep edge. **A Borderlands is a vague and undetermined place** created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition<sup>15</sup> (ANZALDÚA, 2012, p. 27, grifos meus).

---

<sup>13</sup> Com essa decisão, é possível inferir duas posturas concomitantes: primeiro, Donald Trump recrimina o fluxo de imigrantes porque os responsabiliza pelo recesso econômico dos EUA; segundo, Trump está preocupado em manter a hegemonia política da nação norte-americana.

<sup>14</sup> As condições políticas do atual governo norte americano ainda perpetuam o discurso de segregação entre os dois países. Consequentemente, a obra de Anzaldúa e a teoria de *Borderlands* sofrem sanções diretas através de proibições, ou ainda, pelo insistente discurso de construção de muro definitivo entre os dois países. O muro representa a separabilidade dentro da *Borderlands*, área cultural defendida por Anzaldúa como indivisível. Essas situações políticas ainda perpetuam o massacre identitário dos *chicanos*.

<sup>15</sup> As fronteiras são configuradas para definir os locais seguros e inseguros, para nos distinguir. Uma borda é uma linha divisória, uma tira estreita ao longo de uma beirada íngreme. A *Borderlands* é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional em um limite não natural. Está em constante estado de transição.

Desse modo, primeiro, o território físico como ‘linha divisória’ significa o caráter político de divisão entre países e, segundo, *Borderlands*, como um ‘um lugar vago e não determinado’ é o espaço cultural que se forma por meio dos encontros entre esses dois territórios. Ou seja, Anzaldúa pauta sua teoria na ambivalência do termo. No geral, são estas as duas interpretações que constituem o ‘espaço cultural’. Podemos dizer que Anzaldúa brinca com a definição de território e o descreve através de fragmentos de poemas, como se houvesse uma contínua dialética entre a essência e a fragmentação territorial. Assim, ela diz: “I press my hand to the steel curtain – chainlink fence crowned with rolled barbed wire – rippling from the sea where Tijuana touches San Diego unrolling over mountains and plains and deserts <sup>16</sup>” (ANZALDÚA, 2012, p. 24).

Ademais, a alteração do território afeta as experiências subjetivas, principalmente para quem nasce no México e passa a ser legalmente norte-americano. Superficialmente, o espaço continua o mesmo, depois das novas fronteiras, o que muda são as regras para se viver **dentro** dele. Ora, mesmo que a guerra tenha acontecido há mais de um século, as alterações transformaram permanentemente a reconfiguração territorial norte-americana e mexicana. A conquista de cinco novos estados para os EUA – Texas, Califórnia, Colorado, Novo México e Arizona, resultou em muitas ressignificações subsequentes. É de se notar que olhando de **fora** a geografia entre o México e o Texas é a mesma, uma região cheia de rochas, de rios e de clima árido que continua exatamente a mesma depois do acordo político, ou seja, o território permanece **igual**, tendo as leis mudado. A fragmentação desse território dividiu definitivamente a família de Anzaldúa, e o grupo familiar do Sul perdeu o contato com o grupo familiar do Norte. Ela narra esse episódio com o pesar de quem não pode voltar aos túmulos dos ancestrais para prestar homenagem, ou mesmo enterrar os novos mortos. Assim, “My father’s mother, Mama Locha, also lost her *terreno* [...] of six acres of cemetery, all that was left of the ancestral lands. Mama Locha had asked that we bury her there beside her husband. *El cementerio estaba cercado*<sup>17</sup>” (ANZALDÚA, 2012, p. 30). O conflito territorial entre esses dois países carrega as marcas dessa luta que não

---

<sup>16</sup>pressiono minha mão para a cortina de aço - cadeia fechada coroada com arame farpado enrolado - ondulado do mar, onde Tijuana toca San Diego desenrolando sobre montanhas e planícies e desertos. (Tradução minha).

<sup>17</sup> A mãe de meu pai, Mama Locha, também perdeu seu terreno [...] de seis hectares de cemitério, tudo o que restava das terras ancestrais. Mama Locha pediu que a enterrássemos lá ao lado do marido dela. *El cementerio estaba cercado*. (Tradução minha).

apenas dividiu o mesmo povo, mas também apagou, interferiu e ressignificou toda uma tradição.

Cabe destacar que a identidade dos indivíduos é diretamente afetada pelo novo limite territorial. Em *Espaços da recordação* (2011), a teórica Aleida Assmann, discute de que forma os conflitos históricos interferem na construção coletiva da memória cultural. Assmann teoriza sobre o poder do discurso histórico na reconstrução da memória, ou seja, eventos históricos afetam coletivamente a memória de um povo. A ressignificação da memória coletiva do México deve ser analisada, também, a partir da investigação sobre a origem dos estereótipos identitários. Segundo Joan Moore, desde 1836, quando os primeiros norte-americanos chegaram nas terras mexicanas, difundiram-se alguns rótulos como: “gente atrasada em un territorio atrasado” (MOORE, 1973, p. 13). Dessa forma, o quadro geral da memória *chicana* parte dessa noção equivocada sobre os mexicanos, portanto, é preciso conhecer alguns fatos sobre os primeiros norte-americanos – *anglos*<sup>18</sup> – que chegaram ao México para a conquista do território.

O cerne da questão sobre o processo que levou à consumação dos estereótipos a respeito da identidade mexicana está nas classificações feitas pelos *anglos* para designar os mexicanos como inferiores e passíveis de exploração. Primeiro, os *anglos* reconheceram as castas sociais altas e baixas do México, resultantes da colonização espanhola. Ora, se imaginarmos um desenho para exemplificar essa estratificação social, a identidade mexicana estaria abaixo, a identidade espanhola no meio e identidade dos *anglos* estaria acima. Tais estereótipos, construídos durante os primeiros contatos, consolidaram a diferença entre sujeitos, contudo, são os processos de exploração que estruturaram a supremacia de uma cultura em relação a outra. Não há padrões para se mensurar a intensidade da violência cultural causada por esses aspectos, mas é possível vislumbrar as dores que a mestiça Anzaldúa leva para seu texto sobre a sua realidade mexicana. Há certa angústia pautada nas indefinições sobre o que é o limite territorial e o limite cultural, como podemos verificar no trecho abaixo:

nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, a *mestiça* enfrenta

---

<sup>18</sup> Essa nomenclatura *anglos* é usada para diferenciá-los em relação à Coroa Espanhola que já havia invadido o México durante o período colonial, mas é preciso ressaltar que a Inglaterra não tem uma formação cultural apenas pelos povos anglos. A região da Grã-Bretanha foi formada pelos Celtas, Pictos, Anglos, Saxões e Bretões, entre outros, como pode ser observado no primeiro capítulo do livro *Breve história da Inglaterra*, (2012) do professor Elvio Funck. (p. 17-36).

uma luta de carne, uma luta de *fronteiras*, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural (ANZALDÚA, 2007, p. 100 grifo meu).

Nesse sentido, aqui voltamos a dizer que o conceito de território para Anzaldúa não é somente o território relacionado ao espaço geográfico, mas também o lugar de memória cultural, ou seja, o território carregado pela memória coletiva e individual, bem como as possíveis reinterpretações identitárias que ele possa vir a assumir. No entanto, além desse território de confronto, que não é limite para as identidades, percebemos as múltiplas identificações dos sujeitos posicionados em mais de uma cultura. Se o território não é limite, as identidades e as **fronteiras** poderiam ser?

### **As fronteiras do sujeito**

A teoria *Borderlands* foi consagrada por confiar à Literatura *Chicana* o papel de agente transformador que desfigura o discurso hegemônico sobre o conceito de fronteira. Mas afinal, qual é a fronteira anunciada por Anzaldúa? Em primeiro lugar, tomo suas próprias palavras, “to survive the Borderlands you must live sin fronteras be a crossroads<sup>19</sup>” (ANZALDÚA, 2012, p. 217), ou seja, para ressignificar a realidade da fronteira cultural é preciso ser a própria fronteira. Em segundo lugar, compreendo de antemão que não se sustentam as designações definidoras de rotulações fixas quando se trata de fronteira identitária. Nesse caso, como exemplo à postura de Anzaldúa, cito a escritora ficcional Yoko Tawada, uma japonesa que escreve romances na língua alemã. Tawada redimensiona sua identidade, e sua postura de sujeito múltiplo resulta na transformação de seus textos literários. A primeira postura é não aceitar conceitos fechados sobre identidade, cultura e fronteira. Depois, seus livros não se adequam a uma concepção de catalogação de livros nacionais e, tão pouco, obedecem às dicotomias para se enquadrarem em apenas um gênero textual.

Escritoras como Tawada e Anzaldúa constroem um espaço complexo para pensamento cultural. As obras de ambas não podem ser apenas mais uma escrita limitada

---

<sup>19</sup> para sobreviver à *Borderlands*, você deve viver sem fronteiras, você deve ser uma encruzilhada.

por rótulos que, além de ultrapassados, não inspiram o movimento contemporâneo. Tawada é uma oriental que se expressa no mundo ocidental, mas que não deixa que as designações de nacionalidade limitem sua escrita. Quando Tawada (2015), na obra *Talisman*<sup>20</sup>, descreve o ato de transpor as fronteiras culturais, ela o faz através da descrição de uma situação intrínseca ao ser humano, e não obedecendo a categorias fechadas. Nota-se que, assim como Anzaldúa, Tawada encontra uma nova forma de interpretar/lidar com o conceito de fronteira:

As imagens sempre estão – direta ou indiretamente – relacionadas à percepção óptica. Mas eu não quero mais apreender a Europa com meus olhos, mas sim com minha língua. Quando minha língua sentir o gosto da Europa e falar Europa, talvez eu possa transpor a **fronteira** entre observador e objeto. Pois o comido penetra no estômago, e o falado se instaura na carne pelo cérebro (TAWADA, 2005, p. 52 grifo meu).

Para a ficcionista, o corpo recebe os elementos da cultura e altera a fronteira entre sujeito, espaço e identidade. Para Tawada, experienciar uma viagem é carregar marcas culturais em seu próprio corpo. Nesse sentido, pode-se, como visto na citação acima, evidenciar a instabilidade do conceito de nacionalidade, já que a exposição a outras culturas altera, inclusive, a identidade do sujeito. Considerando que somos seres socialmente construídos e observando as assertivas de Tawada, que se recusa conhecer a Europa por meio das formas convencionais, e de Anzaldúa, que sempre se recusou a obedecer aos limites territoriais, podemos nos perguntar: será a recusa o ato responsável pela transformação da noção pré-estabelecida de identidade e de fronteira? Nesse caso, a recusa do conceito fixo de identidade é o elemento necessário para a percepção das ressignificações sobre o lugar de fronteira. Conforme Bhabha (2012), estamos vivenciando as transformações de tais termos e a fronteira redefine as relações culturais entre a cultura do **Eu** e a cultura do **Outro**.

A problemática em torno da fronteira cultural de Gloria Anzaldúa abre nossa percepção sobre a multiplicidade dos sujeitos e aproxima sua busca pelo espaço cultural heterogêneo ao labirinto da identidade *chicana*, pois as questões sobre fronteiras carecem, antes de tudo, de um novo olhar para as múltiplas línguas e territórios. No entanto, não se trata da obrigatoriedade de se encontrarem soluções definidoras para o conceito de fronteira, até porque, nesse caso, não é apenas a obra de Anzaldúa que valida tais questões,

---

<sup>20</sup> A obra ainda não está traduzida para o português, mas usei um trecho traduzido pela mestranda, Miriam Wecker da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

pensando também nas inúmeras formas de representatividade de outros espaços de conflito. Nesse sentido, a tomada de consciência sobre a problemática identitária em regiões fronteiriças diria respeito também a manter, em primeiro lugar, seu próprio caráter problemático, e depois, a sua mobilidade conceitual quando se trata da questão identitária.

Ademais, Anzaldúa não é leiga e tampouco ingênua sobre o conceito de fronteira, pois ela compreende o esforço que é necessário para se descolar o verdadeiro saber de um conceito pré-estabelecido, e as camadas que esse saber perde após anos de subjugação identitária. Ela sabe da luta travada, como se seu oponente fosse uma cascavel, a qual ela precisa vencer. Para ela, “with the serpente as the symbol of the indigenous religion, meaning that her religion was to take the place of the Aztec religion.” (ANZALDÚA, 2012, p.51). Sendo assim, podemos inferir que a autora revelou a identidade *mestiza* através de uma narrativa ficcional, mas que conta, de forma dolorosa, fatos históricos. Mas, por outro lado, à medida que a autora se aproxima de suas memórias de infância, de suas vivências como professora e de sua consciência *mestiza*, acrescenta reforços para o marco teórico que pretende subverter; isso porque a luta de Anzaldúa é a própria **ambivalência** entre a desobediência e a obediência.

Nesse sentido, a cascavel em sua narrativa, oponente da escritora, exige a manutenção do contraditório, pois para se rebelar foi preciso conhecer e trilhar os passos da academia, foi necessário se adequar para, só assim, a rebeldia ganhar contorno de escrita. Para vencer uma cascavel é preciso ser também uma cascavel. Sobre esse sentimento, Anzaldúa descreve como se sente diante de sua tarefa de escritora:

Vejo uma hibridização de metáforas, diferentes espécies de ideias surgindo aqui, estourando lá em cima, cheio de variações e contradições aparentes, embora eu acredite em um ordenado universo estruturado onde todos os fenômenos estão inter-relacionados e imbuídos de espírito. Este produto quase terminado parece uma montagem, a montagem de um trabalho frisado com vários *leitmotifs* e com dança. Toda a coisa teve uma mente própria, escapando-me e insistindo em reunir as peças de seu próprio quebra-cabeça com orientações mínimas da minha vontade. É uma rebelião, uma entidade voluntária, uma menina precoce, forçada a crescer muito rápido, rude, inflexível, com pedaços de penas saindo aqui e ali, pelos, galhos, barro (ANZALDÚA, 2012, p. 88).

Longe de colocá-la como mártir, considerando sua morte logo em seguida à publicação de seus escritos, é preciso dizer que a própria Anzaldúa, em entrevistas e palestras, deixava evidente sua indignação com as escolhas de alguns trechos convenientes

às pesquisas sobre hibridização cultural em detrimento das partes consideradas pouco importantes. Os trechos menos visitados em sua obra quase sempre são os que tratam da violência do preconceito contra a identidade *chicana*. Ao que parece, Anzaldúa sempre soube da repercussão ineficiente da crítica em relação as suas pesquisas nas práxis – teoria e prática. A leveza das análises vai contra as lutas internas dessa narradora consigo mesma, com seus familiares espaços, lutas que, para ela, eram incontrolláveis. Assim, como percebemos na citação, Anzaldúa vai ao encontro de algo que ela não consegue nominar. Fica evidente que há um enfrentamento do particular para o todo e essa tentativa de apreender algo em palavras. Ou seja, ficaria simplório dizer que, para Anzaldúa, a fronteira não está presa em um conceito. Portanto, a fronteira do sujeito é algo que já foi dito, **não dito**, ou apenas é a tentativa de dizer.

### **Considerações finais – Resignificações**

Aos olhos de Anzaldúa as ressignificações culturais de língua, de território e de fronteira vão ao encontro do pensamento de Bhabha, “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (2012, p. 19). Nesse sentido, língua é o resgate identitário, a condição para que o território seja lugar de múltiplas culturas e supere a concepção de fronteira como espaço limite. As ressignificações desses conceitos dentro das perspectivas dos Estudos Pós-Coloniais estão pautadas em discussão teórica, mas o verdadeiro escopo são as transformações que essas ressignificações continuam suscitando na sociedade atual. Como se as possibilidades de novas leituras fossem a única premissa imutável da escrita de Anzaldúa. *Borderlands/La frontera the new mestiza* é tradução intrínseca das ressignificações dos espaços culturais de fronteira, para que os valores socioculturais de uma nação dividida não sejam reduzidos a conceitos fechados, pois quando se trata de noção cultural, esses espaços precisam de amplitude de significados.

O que motiva Anzaldúa é a predisposição do texto a mudar a realidade social, respeitando os desígnios do tempo e do espaço em que ele esteja inserido. Nessa perspectiva, é o texto de Anzaldúa que influencia as mudanças de percepção de língua, de território e de fronteira, mesmo quando não é um momento favorável, e são esses processos

controversos que também auxiliam na consolidação das perspectivas de transformação. Em termos críticos, figura aqui uma obra construtora de um caminho, uma obra que nos instiga não apenas a compreender esse caminho, mas também a trilhar o percurso deixado por uma escritora *chicana* que soube ressignificar o conceito de tempo, de história e de cultura.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 2ª Ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 4 ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, 453p.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Vol. 1.).
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. 4. ed. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva. 2009. Disponível em: [http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul\\_artigo%20\(211\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(211).pdf) Acesso em 28 jun. 2013.
- EAGLETON, Terry. Conclusão: Crítica política. In: *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra; 5ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- FUNCK, Elvio Antônio. *Breve história da Inglaterra*. Porto Alegre: Movimento/EDUNISC, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Ângela Lopes Norte. In. *Revista Gragoatá*, [S. l.], n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOORE, Joan W. *Los mexicanos de los Estados Unidos y el movimiento Chicano*. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica. 1973.
- TAWADA, Yoko. *Talisman*. Tübingen: Konkursbuch Verlag, 2005.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.**

**Artigo aceito em maio de 2018.**